

LUDMILA ULITSKAYA

PRÉMIO MÉDICIS ÉTRANGER



SONECHKA



cavalo de ferro

Desde a primeira infância, quando deixou de ser bebê, Sonechka¹ entregou-se à leitura. O seu irmão mais velho, Efrem, conhecido em casa pela sua sagacidade, repetia sem parar a mesma piada, que nem na primeira vez que a disse teve graça:

– De tanto ler, Sónia ficou com o traseiro em forma de cadeira e o seu nariz transformou-se numa pêra.

Infelizmente, a piada não era um exagero, pois o nariz da menina tinha realmente a forma próxima de uma pêra e a própria Sonechka era desproporcionada, de ombros largos e pernas secas, com as nádegas descarnadas por passar todo o tempo sentada. Apenas num aspecto o seu porte era distinto: tinha um peito precocemente grande, um pouco fora do sítio no seu corpo franzino. Deixava cair os ombros, encolhia-se, vestia roupas largas descabidas e envergonhava-se do seu peito farto e do seu traseiro achatado.

Cheia de compaixão, a irmã mais velha, casada havia muito tempo, falava-lhe com benevolência

¹ «Sonechka» é o diminutivo do nome «Sónia», que, por seu turno, é a forma curta de «Sofia». Tradicionalmente, na literatura russa, as personagens com o nome «Sofia» são consideradas portadoras de sabedoria. [N. T.]

sobre a beleza dos seus olhos. Mas os olhos de Sonechka eram dos mais comuns, pequenos e castanhos. Na verdade, tinha umas ricas pestanas que cresciam em três fileiras, puxando para trás as pontas inchadas das pálpebras. Contudo, não havia aí uma beleza particular, antes pelo contrário, tal criava um certo obstáculo, já que Sonechka era míope e usava sempre óculos.

Durante vinte anos, dos sete aos vinte e sete, Sonechka leu sem parar. Quando lia, entrava num estado de transe, que terminava com a última página do livro.

Tinha um talento excepcional para a leitura e, talvez, até uma espécie de génio. A sua sensibilidade para a palavra escrita era tão grande que as personagens inventadas estavam em pé de igualdade com as pessoas de carne e osso, que lhe eram próximas. Para ela, o sofrimento sereno de Natasha Rostova à cabeceira do moribundo conde Andrei² era tão autêntico como a dor lancinante da sua irmã mais velha, que perdera a filha de quatro anos por um descuido estúpido: tendo ficado na tagarelice com a vizinha, não reparou que a filha, de olhos lentos, gorducha e desajeitada, se deixara cair para dentro do poço.

2 Personagens do romance *Guerra e Paz*, de Lev Tolstói. [N. T.]

Não se sabia ao certo por que motivo isso acontecia. Seria a total incompreensão do jogo inerente a qualquer tipo de arte? Ou a espantosa credulidade de uma criança que não atingiu a idade adulta, a falta de imaginação que levava à destruição da fronteira entre o ficcional e o real ou, pelo contrário, um mergulho tão esquecido de si no reino do irreal que fazia tudo o que ficava de fora perder para ela qualquer sentido e conteúdo?

Para Sonechka, a leitura tornara-se uma forma ligeira de loucura, que não a abandonava nem durante o sono: dormia como se estivesse a ler os seus sonhos. Sonhava com romances históricos cativantes e, pela natureza da acção, adivinhava o tipo de letra e, estranhamente, sentia os parágrafos e a pontuação. Esse deslocamento interior, associado à sua paixão doentia, até se agravava no sono e ela tornava-se uma personagem feminina ou masculina, de pleno direito, existindo no limite ténue entre a vontade perceptível do autor, que ela conhecia, e o seu próprio desejo de movimento, de acção ou de proeza...

A NEP³ contava os seus últimos dias. O pai de Sonechka, descendente de um ferreiro de uma cidade

3 Abreviatura de Nova Política Económica (em russo NEP), implementada no período entre 1921 e 1924 e que veio substituir a política do «comunismo de guerra». Esta nova política permitiu o funcionamento de pequenas empresas privadas com vista a superar as consequências dos anos de fome durante a guerra civil. [N. T.]

da província na Bielorrússia, era um mecânico nato, provido também de sentido prático; fechou a sua relojoaria e, dominando a sua aversão natural a tudo o que fosse produzido em massa, arranjou emprego numa fábrica de relógios. Acarinhava o seu espírito inquieto à noite, reparando mecanismos únicos criados por mestres, sábios precursores do seu ofício.

A mãe, que até aos seus últimos dias usou uma peruca ridícula sob um lenço às bolinhas verdes, costurava clandestinamente numa *Singer* roupas simples de chita para toda a vizinhança, de acordo com a época tumultuosa e de pobreza em que se vivia, e concentrava todos os seus medos no nome terrível do inspector fiscal.

Formou-se na Escola Técnica de Bibliotecários e começou a trabalhar no depósito subterrâneo de uma velha biblioteca. Era uma das raras afortunadas que no final do dia abandonava o local de trabalho empoeirado e abafado com uma leve pontada de dor pelo prazer interrompido. Durante o dia não ficava saturada nem das fichas para catalogar, nem das folhas esbranquiçadas com requisições que chegavam de cima, da sala de leitura, nem do peso vivo dos volumes que passavam pelas suas mãos magras.

Ao longo de vários anos, considerou a escrita algo sagrado, e escritores como Pavlov, Gregório Palamas e Pausanias autores de igual mérito, simplesmente por figurarem na mesma página no dicionário enciclopédico. Com o passar do tempo, aprendeu a distinguir por si própria, no desmedido oceano dos livros, as ondas grandes das pequenas, e as pequenas da espuma costeira que enchia quase por completo as estantes ascéticas da secção de literatura moderna.

Depois de trabalhar durante alguns anos como uma freira no depósito de livros, Sonechka rendeu-se à persuasão da sua chefe, também ela uma leitora obsessiva, e decidiu ingressar na universidade, com intenção de fazer a cadeira de filologia russa. Começou a estudar de acordo com o programa, extenso e ridículo, e já estava preparada para realizar os exames quando inesperadamente tudo se desmoronou, tudo mudou num instante: começou a guerra.

Porventura, em toda a sua curta vida, este tenha sido o primeiro acontecimento que a obrigou a sair do estado enevoado de leitura contínua em que se encontrava. Juntamente com o pai, que na altura trabalhava na fábrica de ferramentas, foi evacuada para

Sverdlovsk, onde rapidamente se instalou na cave da biblioteca, a única residência segura...

Não está claro se era uma tradição da nossa pátria guardar os preciosos frutos do espírito, como se guardam os frutos da terra, obrigatoriamente no subsolo frio, ou se foi uma vacina preventiva para a década seguinte da vida de Sonechka, destinada a acompanhar justamente uma pessoa também do subterrâneo, o seu futuro marido, surgido neste primeiro ano de evacuação desesperadamente difícil.

Robert Viktorovich entrou na biblioteca no dia em que Sonechka estava a substituir a responsável da secção de entrega de livros, que tinha adoecido. Era magro, baixo, muito grisalho e não chamaria a atenção de Sonechka se não tivesse pedido o catálogo de livros em francês. Livros em francês havia, sim, mas o catálogo perdera-se já havia algum tempo, por falta de procura. Naquela hora antes do fecho não se encontravam visitantes, e Sonechka levou este leitor incomum para a cave, para a distante secção dos autores da Europa Ocidental.

Ele ficou muito tempo parado diante da estante, com ar atordoado, a cabeça inclinada para o lado e o rosto surpreso de uma criança faminta que vê uma

travessa de bolos. Sonechka estava um pouco atrás, mais alta do que ele meia cabeça, ficando ela própria com a respiração suspensa pela emoção que se lhe transmitiu.

O visitante virou-se para ela e, de repente, beijou-lhe a mão magra. Numa voz baixa, rica em matices como a luz do candeeiro azul da infância gelada, disse:

– Que maravilha... Que luxo... Montaigne... Pascal...

– E, sem lhe soltar a mão, acrescentou com um suspiro: – Ainda por cima nas edições Elsevier...

– Temos aqui nove Elsevier – apontou Sonechka, que dominava na perfeição a bibliologia, com um brilho de orgulho na voz.

Ele contemplou-a com um olhar estranho, de baixo para cima, ou melhor, de cima para baixo, e os lábios finos sorriram, mostrando a boca privada de dentes. Quis dizer algo importante, mas hesitou e, mudando de ideias, proferiu outra coisa:

– Emita-me, por favor, a ficha de leitor, ou lá como chamam a isso aqui.

Sónia retirou a sua mão, esquecida nas palmas secas do visitante, e, juntos, subiram a escada violentamente fria que engolia o pouco calor de qualquer pé

que a tocasse. Em cima, na sala apertada do antigo palacete de um comerciante, Sonechka escreveu pela primeira vez o nome do leitor, até então desconhecido, mas que, daí a exactamente duas semanas, se iria tornar seu. Enquanto ela escrevia as letras desajeitadas com um lápis-tinta, que girava ligeiramente entre as suas luvas de lã remendadas, ele observava a sua testa e sorria interiormente, notando a maravilhosa semelhança com um camelo jovem, um animal tranquilo e afável, e pensou: «Até a cor: morena, triste e ligeiramente sombria, e ao mesmo tempo rosada, calorosa...»

Sonechka terminou de escrever e ajeitou com o dedo indicador os óculos descaídos. Olhou-o com benevolência, desinteressada, mas expectante: ele não indicara o endereço.

O visitante ficou profundamente perplexo. À semelhança de um aguaceiro vindo do céu serenamente límpido, foi de súbito atingido pela sensação de que o seu destino se concretizava: naquele momento compreendeu que tinha diante de si a sua esposa.

Na véspera, havia completado quarenta e sete anos. Era uma lenda viva, mas essa lenda fora-lhe amputada devido ao seu regresso repentino à pátria,

vindo de França, no início da década de 1930. Esse regresso, na opinião dos amigos, era inexplicável, e agora a lenda contava os seus últimos momentos nas galerias de uma Paris ocupada, juntamente com as suas estranhas pinturas, que sobreviveram à blasfêmia e ao esquecimento, e que posteriormente ressuscitariam, trazendo-lhe glória póstuma. Mas disso ele nada sabia. Vestido com o seu casaco preto acolchoado e com uma toalha cinzenta à volta do pescoço com o pomo-de-adão patente, o mais feliz de entre os desafortunados, que tinha sido preso por uns insignificantes cinco anos e que agora trabalhava condicionalmente como pintor na administração de uma fábrica, estava diante da rapariga desajeitada e sorria. Dava-se conta de que se produzia no seu interior mais uma das habituais traições que preenchiam a sua vida volátil: traíra a fé dos antepassados, as esperanças dos pais, o amor do seu professor; traíra a ciência e quebrara laços de amizade, de forma inflexível e repentina, sempre que sentira a sua liberdade ameaçada... Desta feita, traía o seu voto inabalável de celibato, assumido nos anos de sucesso prematuro e ilusório, dissociado, contudo, de qualquer tipo de castidade.

Era amante e consumidor de mulheres, alimentava-se muito dessa fonte inesgotável, mas mantinha-se vigilante para preservar a sua independência, receando transformar-se numa presa do apelo feminino, que é tão paradoxalmente generoso para aqueles que recebem e destrutivamente cruel para aqueles que dão.

A alma serena de Sonechka, envolta no casulo de milhares de volumes lidos, embalada pelo estrépito esfumado dos mitos gregos, pelos sons hipnóticos e crespos das flautas da Idade Média, pela melancolia nebulosa e leviana de Ibsen, pelo tédio detalhado de Balzac, pela música astral de Dante, pelo canto das vozes penetrantes de Rilke e Novalis, seduzida pelo desespero moralizador dos grandes russos dirigido ao fundo do coração – nunca essa alma serena reconheceu o seu grande momento, preocupou-se apenas em pensar se não estaria a cometer algum erro, permitindo ao leitor levar um livro que só podia ser lido na sala de leitura.

– A sua morada? – perguntou Sonechka humildemente.

– Sabe, estou em missão de serviço. Moro na administração da fábrica – explicou o estranho leitor.

Desde a mais tenra idade que Sonechka, uma rapariga invulgar e pouco atraente, se refugia obsessivamente na leitura, a ponto de tratar personagens inventadas como pessoas reais. Com o início da guerra, Sonechka parte para Sverdlovsk, onde encontra trabalho como bibliotecária. Aí conhece Robert Viktorovich, um artista recém-libertado de um campo de trabalho forçado soviético, que, de rom-pante, lhe pede em casamento. Seguem-se anos de satisfação, em que o amor conjugal, a maternidade e os cuidados do lar passam a ocupar o centro da vida de Sonechka, trazendo-lhe uma felicidade que ela nunca sonhou merecer e que sobreviverá ao período difícil do pós-guerra e ao surgimento de um surpreendente triângulo amoroso.

Publicado em 1995 e amplamente traduzido e premiado, *Sonechka* é o primeiro romance de Ludmila Ulitskaya e o início de uma fulgurante carreira que a consagrou como um dos nomes cimeiros da Literatura contemporânea internacional. Uma história subtil e inteligente sobre o destino de uma mulher, tendo como pano de fundo a História da Rússia no século xx — o regime soviético e o seu desmoronamento.

«Uma voz literária e política que é uma referência fundamental para ler e compreender a Rússia de hoje.»




El País

«Um livro delicado e poético. Ulitskaya transforma uma mulher assaz comum numa heroína.»

Leïla Slimani



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896234041



9 789896 234041 >